

A Vida Fora da Caverna – Podcast

Episódio #3 - Transcrição

“Chega de Mentiras”

Intro

Olá, eu sou o Daniel Prado e essa é “AVFC”.

Se você não conhece o podcast, eu recomendo que você escute o primeiro episódio pra se familiarizar com ele.

Se você quiser saber mais sobre mim e ter acesso à materiais extras como imagens, vídeos e referências, é só visitar meu site danielprado.net/avidaforadacaverna.

E se você tiver alguma dúvida ou sugestão é só escrever para podcast@danielprado.net.

Tema

Você caminhou em baixo do sol por três horas e acabou de chegar na casa do seu amigo. Ele te recebe e oferece água pra você.

Só que ele coloca duas opções na mesa, uma garrafa de água mineral lacrada e uma garrafa de vidro aberta com uma água insípida, inodora e incolor.

Então ele comenta que uma das águas pode estar contaminada.

Qual você escolhe?

Bom, tendo uma informação prévia de que uma das duas pode estar contaminada, você muito provavelmente vai escolher a água lacrada, devo supor.

E então eu te pergunto, como é que você sabe que essa é a melhor escolha?

Se o conteúdo das duas garrafas fosse despejado em dois copos diferentes, você conseguiria saber qual é a água mais segura?

Se as duas não tiverem nem sabor, nem cor ou cheiro, você não consegue saber, de fato, qual delas é potável e qual é venenosa.

Aí nesse caso, talvez a escolha mais segura seja passar sede mesmo.

Pausa

Você bebe água o tempo todo sem questionar minimamente o fato de que não é capaz de ver, cheirar ou sentir o sabor de bactérias letais que poderiam estar nela.

A gente não é realmente capaz de saber se a água que a gente bebe é segura ou não.

A gente bebe, porque **acredita** que ela seja segura.

Saber e acreditar são coisas parecidas, mas são coisas bem diferentes.

Só que essa crença que a água é segura é baseada em algo extremamente relevante pra nossa forma de navegar pela realidade.

Hoje eu vou falar sobre elas, as evidências.

Você sabe a diferença entre saber e acreditar?

É indispensável que a gente entenda as diferenças entre uma coisa e outra pra tentar adquirir uma forma mais eficiente de compreender o mundo.

Já adianto aqui que esse é um assunto profundamente complexo chamado Epistemologia e eu recomendo fortemente que vocês investiguem mais sobre ele. Lá no site, na aba “Podcast” tem uma página de referências pra cada episódio. E tem alguns vídeos sobre esse assunto.

Essencialmente, epistemologia é o ramo da filosofia que estuda o conhecimento.

Esse episódio é só uma leve pincelada nesse conceito pra ajudar quem não faz a menor ideia do que eu estou falando.

A filosofia é um campo infinito onde tudo pode e deve ser discutido em níveis cada vez detalhados e seria impossível que eu abordasse tudo relativo à epistemologia aqui em um episódio de vinte minutos.

Acontece que existem **inúmeros** campos de batalha e eu sinto que muitos pensadores e advogados do pensamento crítico e racional, apesar de gastarem um tempo considerável discutindo entre si sobre as melhores estratégias, eles estão do mesmo lado do campo.

Há o lado do desejo genuíno de aprender e buscar a verdade mesmo que ela seja inconveniente e há o lado das respostas fáceis, equivocadas ou deliberadamente mentirosas.

Eu quero acreditar que estou do lado do primeiro.

Algumas coisas vão ser simplificadas aqui tanto pelo meu conhecimento limitado como por falta de tempo hábil pra abordar o assunto de maneira mais profunda, mas vamos lá.

Acreditar vs. Saber

Você escolhe a água lacrada porque ela contém um corpo de evidências sólido que te transmite segurança.

Ela tem o lacre. Ela tem o rótulo com uma marca, tem um número de telefone, tem a composição daquela água, embora seja muito provável que assim como eu, você não faça ideia da quantidade mínima segura pra ingestão de Estrôncio ou o que significa uma condutividade de 200 microsiemens por centímetro, por exemplo.

Mas em algum momento da vida, você decidiu que quem quer que tenha escrito aquilo, colocado em uma embalagem e lacrado, sabia do que estava falando.

Tudo isso faz você acreditar que a água é segura, mas você não tem como saber, de fato.

Existe um ramo da epistemologia chamado de Empirismo. Ele prega que a gente só poderia saber coisas através da experiência sensorial. Ou seja, a gente só conseguiria saber coisas de fato através da experiência empírica, onde nós mesmos sentimos com nossos próprios sentidos, a realidade. Existe um vasto debate sobre o assunto, inclusive se a gente pode realmente saber qualquer coisa, mas como eu disse, vou abordar o tema apenas superficialmente aqui.

Então, antes de beber a água você só pode **acreditar** que ela é segura. É só quando você bebe e não passa mal, que é então capaz de saber, de fato, que ela é realmente potável.

Da mesma forma, você só pode **acreditar** que um Advil vai curar sua dor de cabeça **antes** de tomá-lo. É só depois de tomar o remédio e sentir você mesmo a dor de cabeça indo embora, que você passa a **saber** que ele funciona.

Eu geralmente pendo pra essa linha de pensamento.

Mas voltando pra garrafa d'água.

Dessas evidências todas, no entanto, a mais forte eu diria que é o tal lacre.

Porque mesmo que a garrafa estivesse em bom estado, com o rótulo intacto e tampada, é só aquele pedacinho de plástico maldito que pode infelizmente parar no bico de um pássaro a quilômetros daqui, que te dá a segurança de que aquelas palavras escritas no rótulo valem alguma coisa.

E assim a vida segue. Você, eu e todo mundo, faz um monte de coisas só acreditando que elas não vão te matar ou te fazer mal.

Só que a gente faz isso porque aprendeu a confiar nessas evidências.

Essa água mineral passou por inúmeros testes laboratoriais usando **ciência** pra produzir as evidências necessárias pra que você possa tomar essa água e não morrer.

Além disso, evidências são parte inerente da nossa vida cotidiana.

A gente exige evidência pra tudo. Quer ver só?

Você só dá o dinheiro pra alguém por um serviço se essa pessoa te der evidências de que vai executar ou que executou o serviço. Ainda assim, no momento em que paga pelo mesmo serviço, você exige um recibo de que fez o pagamento. Uma evidência de que você pagou.

Em outro caso, se você prestou um serviço, ou vendeu alguma coisa pra alguém e essa pessoa diz que já te pagou, você demanda um comprovante de pagamento ou verifica se o dinheiro já entrou na sua conta.

Se alguém te acusa de ter cometido um crime, a primeira coisa que você vai exigir são as evidências que provam que você realmente fez aquilo.

Aí alguém diz que o melhor jeito de tratar sua alergia é tomando Homeopatia e sem realmente saber do que se trata e sem evidência nenhuma de que vai funcionar, você toma.

Você pode até dizer que também não vai procurar evidências toda vez que um médico prescreve um medicamento comum pra você.

Como é que você deveria saber, então, que um é uma insanidade e o outro tem uma probabilidade muito maior de funcionar?

Apesar de parecer que sim, não tem nenhuma evidência de que compostos homeopáticos funcionem. Eu vou falar sobre isso em um episódio só sobre homeopatia que eu estou preparando.

Já para medicamentos comuns existe um corpo de evidências muito mais extenso, testes laboratoriais sérios feitos com protocolos rígidos e uma regulamentação extremamente eficiente pra que eles cheguem às prateleiras das farmácias.

Medicamento comum, é medicina baseada em evidências. Já homeopatia é uma pseudociência.

Mas, o que é Pseudociência?

Esse é um tema que infelizmente vai aparecer demais por aqui. Eu vou explicar já já, mas antes, eu ainda preciso falar um pouco mais sobre a importância das evidências.

Elas são indispensáveis pra confirmar ou refutar uma alegação. Mas existe um problema relativamente complexo nessa relação e eu vou tentar explicar aqui.

PAUSA

Se eu disser pra você que eu toco violão, você pode simplesmente acreditar nas minhas palavras, mas também pode exigir uma prova. E aí, basta que eu sente na sua frente com um violão e toque uma música pra minha alegação sair do campo da crença e entrar no campo do conhecimento.

Quando eu te disse que tocava, você só podia acreditar em mim. Agora, vendo e ouvindo eu tocar uma música no violão, você sabe.

No entanto, esse problema começa a ficar complicado na medida em que minha alegação começa a transcender a sua capacidade de avaliar essas evidências.

Quer ver um exemplo?

Muita gente fala inglês. Vamos supor que você seja uma dessas pessoas.

A gente tá tendo uma conversa e eu te digo que falo inglês. Basta que eu inicie uma conversa com você em inglês que isso seria evidência o suficiente. Nesse caso, como você fala inglês, você nem precisaria acreditar na evidência, você experimentaria com os próprios sentidos.

Agora, vamos supor que na mesma conversa eu diga que também falo aramaico. Se eu começar a falar uma série de frases nessa língua e você não conhecer aramaico, essa evidência é inútil pra você. Ainda que eu esteja dizendo a verdade, você é incapaz de verificar essa minha alegação.

Agora, não dá mais pra você simplesmente me ouvir falar algumas coisas em aramaico pra confirmar ou refutar essa minha alegação.

Qual seria então, uma evidência de que eu não estou mentindo pra você?

Hoje em dia, talvez um tradutor do Google já seria o suficiente.

Percebe como a qualidade da evidência precisa ser um pouco maior agora?

Precisa ter um jeito de você verificar com os próprios sentidos e analisar por conta própria a evidência que eu te apresentei pra então você acreditar em mim.

Mas e se ao invés de aramaico eu dissesse que falo Njerep? Aposto que você nunca ouviu nem falar nessa língua, não é? Essa é uma língua que pouquíssimos habitantes em um pequeno vilarejo chamado Somié em Camarões, na África, conseguem lembrar de algumas poucas palavras e frases?

Seria muito mais difícil de te convencer. Não tem Google tradutor que dê jeito agora.

Talvez o fato de eu falar diversas línguas fosse evidência o suficiente pra você, já que a intensão não é travar uma conversa em Njerep.

Agora, só se a gente fosse até um aeroporto e depois de alguns dias de viagem, de avião, de carro, à pé, a gente conseguisse localizar alguns aldeões em Somié e eu conversasse com eles na sua frente é que você poderia acreditar com evidências ainda mais sólidas.

Mas saber mesmo, só se você mesmo falasse Njerep.

Agora e se eu te disser que tem um duende mágico que fala comigo e ele me disse que você precisa me dar dez mil reais agora ou você pode morrer, você me daria o dinheiro?

Que evidências você exigiria pra refutar ou confirmar minhas essas minhas alegações?

O que eu quero dizer com isso é que qualidade de uma evidência deve seguir o tamanho da alegação. Essa é uma premissa antiga. David Hume, um dos maiores filósofos da história diz no seu livro Ensaio sobre o Entendimento Humano, publicado em 1748, que um sábio deve ajustar sua crença às evidências.

Carl Sagan, uma das pessoas mais brilhantes que já passou por esse planeta costumava dizer uma frase que deveria ser ensinada logo no jardim de infância para todas as pessoas do mundo: Alegações extraordinárias demandam evidências extraordinárias.

Falar inglês é ordinário. Falar Njerep é extraordinário. As evidências devem, então, serem proporcionais.

O problema só aumenta quando quem alega espera que a gente acredite sem evidência nenhuma, como no caso do duende mágico.

Será que só minha palavra deveria ser suficiente pra você acreditar na minha história e me dar o dinheiro?

Mesmo que alguém aparecesse dizendo que viu o duende e que é melhor você dar o dinheiro, ou você pode morrer, o testemunho dela seria o suficiente pra você se render?

E se eu te apresentasse um livro então, contando uma história rica sobre tudo o que esse duende fez dois mil anos atrás, você acreditaria em mim agora?

E se ao invés só nós dois, eu estivesse em um palanque e você fosse só **uma** entre milhares de pessoas ouvindo mesma história, daí então você daria o dinheiro?

A afirmação de que alegações extraordinárias requerem evidências extraordinárias diz respeito a isso. Um duende mágico que quer seu dinheiro em troca de não te matar é uma alegação extraordinária. Será que apenas testemunhos questionáveis, um palanque ou palavras escritas em um livro são evidências extraordinárias?

Com o termo evidências extraordinárias eu quero dizer qualidade e quantidade. Ou seja, além de serem proporcionalmente equivalentes ao tamanho da alegação, elas também precisam ser verificadas por outras pessoas. Quanto mais extraordinária é a alegação, mais evidências com mais qualidade ela precisa ter. **Especialmente** se alguém quer forçar essas alegações goela abaixo do resto do mundo.

No livro O Mundo Assombrado Pelos Demônios, Carl Sagan dá provavelmente um dos melhores exemplos sobre esse problema.

Eu vou ler aqui pra vocês o trecho do livro.

O Dragão na Garagem

Um dragão que cospe fogo pelas ventas vive na minha garagem.

Suponhamos que eu lhe faça seriamente esta afirmação. Com certeza você iria querer verificá-la, ver por si mesmo. São inumeráveis as histórias de dragões no decorrer dos séculos, mas não há evidências reais. Que oportunidade!

- Mostre-me – você diz. Eu o levo até minha garagem.

Você olha pra dentro e vê uma escada de mão, latas de tinta vazias, um velho triciclo, mas nada de dragão.

- Onde está o Dragão? – você pergunta.

- Oh, está ali – respondo acenando vagamente. – Esqueci de lhe dizer que é um dragão invisível.

Você propõe espalhar farinha no chão da garagem para tornar visíveis as pegadas do dragão.

- Boa ideia – digo eu -, mas esse dragão flutua no ar.

Então você propõe usar um sensor infravermelho pra detectar o fogo invisível.

- Boa ideia, mas o fogo invisível é também desprovido de calor.

Você quer então borrifar o dragão com tinta pra torná-lo visível.

- Boa ideia, só que é um dragão incorpóreo e a tinta não vai aderir.

E assim por diante. EU me oponho a todo teste físico que você propõe com uma explicação especial de por que não vai funcionar.

Ora, qual a diferença entre um dragão invisível, incorpóreo, flutuante, que cospe fogo atômico e um dragão inexistente? Se não há como refutar minha afirmação, se nenhum experimento concebível vale contra ela, o que significa dizer que o meu dragão existe?

A sua incapacidade de invalidar a minha hipótese não é absolutamente a mesma coisa que provar a veracidade dela.

Alegações que não podem ser testadas, afirmações imunes a refutações não possuem caráter verídico, seja qual for o valor que possam ter por nos inspirar ou estimular nosso sentimento de admiração.

O que eu estou pedindo a você é tão-somente que, em face da ausência de evidências, acredite na minha palavra.

A história do dragão ilustra bem dois aspectos das relações humanas.

Uma é a nossa curiosidade em investigar alegações fantásticas e encontrar elementos que façam a gente acreditar nelas. A outra é a tendência de quem faz essas alegações de sempre encontrar um motivo especial pra não conseguir responder cada uma das nossas tentativas de descobrir a verdade.

E a melhor ferramenta até agora pra fazer essas investigações é a ciência.

A ciência é o melhor instrumento já inventado pela nossa espécie pra tentar compreender o mundo e a realidade. A gente convive com ela o tempo todo. Agora mesmo você está ouvindo esse podcast por causa da ciência. Você toma água cegamente por causa da ciência.

No entanto, ela é um instrumento complexo e a vasta maioria das pessoas não entende muito bem como ela funciona.

E é exatamente aí que surge a brecha pra existência de um negócio extremamente danoso, chamado de Pseudociência.

Pseudo é um termo de origem grega que significa literalmente “mentira” ou “falsidade”. A gente usa como prefixo pra se referir a algo falso.

Uma pessoa que finge ter um profundo nível de conhecimento pode ser chamada de Pseudointelectual. Nosso governo tá cheio deles atualmente. Alguém que usa um nome diferente pra se esconder, usa um Pseudônimo.

Da mesma forma, aquilo que parece ciência mas não é, chama-se Pseudociência. Uma ciência falsa, mentirosa.

Pseudocientistas usam justamente essa dificuldade que a gente tem de compreender os caminhos da ciência pra tentar convencer a gente de que aquilo que eles dizem é verdade.

Eles usam termos e jargões comuns no vocabulário científico, produzem estudos mal feitos repleto de vieses, falsificam dados, e enfeitam suas descobertas de forma a parecer ciência.

Um pseudocientista pode ser tanto alguém que acredita que entendeu como funciona a ciência, mas não entendeu nada, como alguém que sabe exatamente que aquilo que ela faz não é ciência e disfarça tudo pra parecer ciência.

E aí cabe um aspecto extremamente importante. Eu queria que isso ficasse muito claro. Uma evidência eventualmente produzida por uma pseudociência é uma pseudoevidência, ou seja, uma evidência falsa. O que quer dizer que ela não tem valor absolutamente nenhum. Como se ao tentar provar pra você que eu toco violão eu dublasse uma música tocada em um sistema de som.

Carl Sagan dizia que a pseudociência é adotada na mesma proporção em que a ciência verdadeira é mal compreendida.

PAUSA

É justamente a dificuldade de entender as diferenças entre saber e acreditar, junto com a incapacidade de interpretar algumas evidências e entender o método científico que gera aberrações como o Terraplanismo, por exemplo. A quantidade de evidências de que a terra é redonda é devastadora e a essa altura da nossa existência como espécie já deveria ser um assunto encerrado. Só que se você não é um astronauta e viu a terra de longe com os próprios olhos, você também só pode acreditar que a terra é redonda. Porque a nossa experiência subjetiva, empírica, aqui do chão, normalmente vai nos dizer o contrário.

Esse é só um dos motivos que permite que ainda existam terraplanistas nos dias de hoje. Eles aceitam as evidências que a ciência produziu pra tornar a água que eles bebem, potável. Mas não aceitam as que a ciência produz pra mostrar como a terra é redonda. É por isso que eu disse no primeiro episódio que não adianta nada mostrar essas evidências pra essa turma. Ficar esfregando dados na cara desse povo nem sequer arranha a crença deles de que eles estão certos. O problema é outro. Eu vou explorar esse assunto mais detalhadamente em um episódio no futuro.

PAUSA

O terraplanismo é só um exemplo de um número cada vez maior de alegações que não são suportadas por evidências ou que apresentam evidências falsas ou incorretas e que ainda assim, são capazes de angariar milhões e milhões de seguidores pelo mundo.

Antes que você comece a julgar os terraplanistas, não se esqueça que ainda que em graus diferentes, Terraplanismo é tão pseudociência quanto numerologia, astrologia, design inteligente e homeopatia, só pra citar algumas. O que faz esse grau variar é a quantidade, a qualidade e dificuldade de interpretar as evidências ou a falta delas pra cada uma dessas alegações.

Grande parte do problema é que estudos científicos estão sujeitos a todo tipo de falhas, tanto de metodologia como de interpretação dos dados gerados.

Por isso é que quanto mais elaborada for a pseudociência, mais difícil é de detectar se ela tem ou não evidências que suportem suas alegações.

Então como é que a gente faz pra saber se está ou não diante de uma pseudociência?

Primeiro deixa eu explicar uma coisa muito importante a respeito do ilusionismo.

Existe um acordo tácito entre ilusionista e público de que o ilusionista é um enganador honesto. O público que vai a um show de mágica sabe que o sujeito no palco vai produzir fenômenos aparentemente inexplicáveis com a clara intenção de entreter.

Nesse momento, o público deve aceitar que os fenômenos que ele vai presenciar são meras ilusões. Há uma suspensão da descrença parcial acontecendo.

A suspensão da descrença é o abandono do ceticismo. É um fenômeno que normalmente acontece quando a gente entra em um teatro ou sala de cinema e suspende nossa descrença, ou para de duvidar daquilo que a gente vê na tela ou no palco, permitindo que aquele universo possa ditar as próprias regras. A gente deixa de ser cético ou a gente não seria capaz de apreciar aquela obra.

Na mágica, essa suspensão da descrença é parcial porque o universo do mágico precisa ser o mesmo do espectador, caso contrário o efeito de surpresa e de impossibilidade não aconteceria.

Mágica é muitas vezes descrita como a arte da impossibilidade. E o conceito do que é possível ou não está diretamente ligado à realidade que ilusionista e público compartilham.

Em outras palavras, pra que a ilusão de que o mágico escapa de um baú de madeira cheio de correntes seja possível, o público precisa confirmar que baú é realmente de madeira e as correntes são mesmo de ferro. Caso contrário não tem mágica.

Ao mesmo tempo, o público precisa suspender a descrença de que um outro ser humano conseguiria produzir aquele fenômeno impossível. Ou seja, o público acredita por um breve momento que o mágico tem poderes sobrenaturais.

O mágico diz que é capaz e o público colabora com ele nessa alegação, porque deseja presenciar aquele fenômeno.

Essa colaboração do público é fundamental para que o fenômeno mágico aconteça e o mistério continue a existir.

Uma das formas da gente entender como aquele fenômeno foi possível e revelar o truque é justamente parar de colaborar com o mágico.

Um charlatão é um mágico que apresenta um show sem o seu consentimento e a intenção dele não é entreter e sim, se aproveitar da sua suspensão de descrença pra levar seu dinheiro.

Nesse caso, sem saber, você está na plateia de um show onde o enganador é tudo menos honesto.

E enquanto você colaborar com ele, você vai continuar a acreditar que seus feitos são incríveis e misteriosos.

Charlatão é só um outro nome para pseudocientista.

A mágica também tem um papel importantíssimo em outros aspectos relativos a fenômenos inexplicáveis e eu ainda vou falar bastante disso em outros episódios.

Então a primeira coisa que você deve fazer pra identificar uma pseudociência, é parar de colaborar. É não abandonar seu ceticismo. É duvidar sempre.

Se você não estiver sentado em uma cadeira confortável em um teatro vendo um show de mágica, pare de aceitar que o baú é de madeira e que as correntes são de ferro.

É seu dever ir até lá e investigar com os próprios sentidos. Ainda mais quando é sua saúde ou da sua família que está em jogo. Duvide de tudo, sempre.

Outra forma da gente identificar se estamos diante de uma pseudociência é entender um pouco mais sobre como funciona a ciência.

A primeira coisa a fazer é entender de uma vez por todas que a ciência não é feita pra dar respostas.

A ciência é uma ferramenta de investigação em constante evolução.

Ela pode responder sim, como já respondeu uma série de coisas, mas essas respostas, muitas vezes são só provisórias. Elas podem mudar amanhã.

A intenção de um cientista de verdade deveria ser tentar refutar suas alegações e não tentar confirmá-las.

Outra coisa importante é a gente entender de uma vez por todas que a ciência não é pretenciosa.

É comum a gente ouvir a frase: “A ciência não sabe tudo” ou “A ciência também erra” como se isso fosse depreciativo.

Não é.

É essa a maior qualidade da ciência. Se manter em dúvida. Se manter impermanente. A falha é o maior combustível da ciência verdadeira.

A ciência é a única ferramenta que contém em si própria uma maneira de corrigir seus próprios erros.

Um traço comum em diferentes tipos de pseudociência é confrontar a ciência tradicional. Normalmente pseudocientistas gostam de dizer que a ciência ainda não entendeu certas coisas como se isso fosse diminuir o poder que ela tem.

Outra forma de identificar uma pseudociência é aplicando um conceito filosófico chamado de Navalha de Occam.

Guilherme de Occam propunha uma ideia muito simples para confrontar explicações divergentes.

Entre duas alegações conflitantes, aquela que contém o menor número de elementos desconhecidos e novos deve então ser a resposta verdadeira, ou mais provável.

Vou dar um exemplo.

Vamos considerar a hipótese de que Alienígenas visitaram nosso planeta milhares de anos atrás e esculpiram as estátuas da Ilha de Páscoa.

A alegação de pseudocientistas exigiria logo de início a possibilidade de diversos elementos desconhecidos, como a existência de uma civilização alienígena, inteligente, com a capacidade de viagens interestelares e motivo para atravessar a galáxia pra esculpir uns bonecos de pedra e largar na praia.

A explicação alternativa é que o povo Rapa Nui esculpiu as pedras com ferramentas manuais e as ergueram com cordas e madeiras. Tem um vídeo sobre isso no site.

Qual das duas contém menos elementos desconhecidos?

É evidente que é a segunda.

Outra coisa extremamente importante é questionar as evidências.

Onde elas estão? Quem as produziu? Como foram produzidas? Mais gente testou a hipótese e também produziu os mesmos resultados?

Mesmo que a gente não entenda todos os termos, é importante que a gente aprenda a ler trabalhos científicos pra conhecer a metodologia que foi usada e as conclusões gerais.

Só com essas perguntas você já vai ser capaz de filtrar uma série de alegações sem fundamento.

Sempre que você vir alguma resposta que parece fácil demais pra uma pergunta complexa, aplique esses conceitos.

É imperativo que cada um de nós, no que se refere à vida cotidiana, de medicina, tecnologia e ciência se coloque como um espectador de mágica chato, que quer pegar no baralho, misturar ele mesmo, escolher a carta e depois de tudo, ficar cobrando o mágico pra apresentar os mesmos resultados, voltar pra casa e varar a noite no Youtube tentando entender como ainda assim ele ainda foi enganado pelo mágico.

Se todo mundo duvidasse de bobagens como Astrologia, por exemplo, com a mesma energia que duvidam de um mágico com um baralho nas mãos, a gente com certeza estaria muito mais próximo da luz do que da escuridão.

Jamy Ian Swiss, um mágico americano muito importante no movimento cético, diz que é comum, algumas pessoas questionarem tudo em um show de mágica e chegarem em casa e consultarem o horóscopo ou tomarem homeopatia.

Ele chama isso de racionalidade inapropriada. A pessoa duvida do mágico mas não duvida do homeopata.

Não seja essa pessoa. Que duvida de um truque de baralho enquanto usa uma pulseirinha Power Balance.

Tá mais do que na hora da gente parar de colaborar com charlatão e começar a expor nós mesmos seus truques baratos.

Mas Daniel, isso significa então que eu não posso acreditar em coisas que ainda não foram explicadas cientificamente? Sem evidências?

Bom, é claro que sim. Cada um faz o que quiser da vida. Mas isso a gente normalmente chama de fé e esse é outro assunto profundamente complexo que eu também vou abordar no futuro.

Mas se esse é o seu caso, não tem problema. No meu site tem um botão do PayPal onde você pode me transferir dez mil reais, caso contrário, o duende mágico que fala comigo disse que pode te matar.

E é isso aí, espero você no próximo episódio e como sempre, se você sair daqui se perguntando porque deveria acreditar em mim, minha resposta é bem simples: não acredite.

Referências

- Epistemologias - <https://www.iep.utm.edu/epistemo/#H1>
- Jamy Ian Swiss Podcast - <http://traffic.libsyn.com/magicnews/MNW32-JamylanSwiss1-07-07-2008.mp3>
- Thor Heyerdahl e as estátuas da Ilha de Páscoa - <https://www.youtube.com/watch?v=cGrTOYmU9w8&feature=youtu.be>

- Knowing vs. Believing - https://www.youtube.com/watch?v=r_Y3utleTPg
- Derren Brown - <https://www.youtube.com/watch?v=tau4tP2ar3A&t=219s>